

## O CASTELLO DE S. JOÃO DA FOZ

Nas salas da pacifica fortaleza da cidade do Porto, ha quatorze annos que fugiam as noites e alvoreciam as manhãs, esmaíando, sem poder quebrantar, a formosura das graciosas damas que dispartiam á volta d'ellas o excedente da sua felicidade. Em noites calmas e alumiadas da lua era bello vel-as, as gentis senhoras que ali moravam, por sobre os baluartes e revelim, vestidas de branco, ora quietas e contemplativas voltadas ao mar, ora correndo ao longo dos terraços, como creanças para quem o crepusculo da manhã da vida havia de esvair-se nos avoires do dia eterno.

Ah! assim foi! Ambas já morreram. Uma com muitas saudades do mundo; a outra com muitas saudades do esposo, que primeiro lhe ensinára o caminho do ceo.

E, quando assim vemos fenecer, ainda toucadas das flores da mocidade, senhoras que tinham direito a ser felizes e afortunarem almas que tão suas eram, por que não havemos de crer que ha anjos? Onde iriam aquelles doces espiritos senão onde o creador lhes dê melhor vida que esta, amor mais digno d'ellas, e incentivo para adorações melhor recompensadas?

Se haverá dos que viram o Porto de ha quatorze annos quem não tenha saudades das noites do Castello da Foz? Eu de mim não sei o que hoje lá passa; mas ouvi dizer que as brizas baloicam as solitarias ervas dos baluartes e o vento silva nos vigamentos das salas onde estrondeavam as musicas.

Agora é já para mim tempo de renunciar os amargos prazeres da memoria, submeter a alma a umas operações consoantes com a minha idade, e conversar com os velhos do meu tempo, acerca do Castello da Foz, n'uma linguagem conveniente e apositada aos nossos annos.

Conversemos pois da origem e antiguidade do Castello, não por que elle seja nosso contemporaneo, mas por que os nossos filhos e netos nos estão pedindo e aconselhando que, em vez de lamuriarmos o desfazimento d'outros castellos acrios que la formamos, lhes contemos quando e como foi feito aquelle.

Ahi vai o que pude averiguar:

Ha 298 annos que a rainha regente D. Catharina mandou ao Porto João Gomes da Silva com a missão de fortalezar as costas maritimas d'esta cidade. O documento d'esta mensagem está no archivo municipal, a f. 142 do Livro 1.º das Chapas.

Começou João Gomes da Silva a fortaleza de S. João da Foz. Parece que o Porto, mais commercial que bellicoso, não se prestou voluntariamente ás despezas da edificação. O enviado não era homem de contemplanções: embargou e sequestrou logo as rendas da cidade e o rendimento das imposições. O senado reagiu requerendo, e vingou que, no anno seguinte de 1571, fosse levantado o sequestro, e desembargado o remanecente dos impostos, obrigando-se a pagar 120\$000 rs. cada anno para

mantimento do capitão, bombardeiro e homens d'armas da nova fortaleza. (1)

Aquelles 120\$000 rs. eram pagos pelo rendimento do imposto do sal de 3 reis em raza, com resalva de que se pagariam por outras imposições, havendo quebras nas sizas. (2)

Eu não sei que imposto paga presentemente o sal.

E' preciso que o governo desconheça isto. O discreto leitor saiba e guarde segredo.

Obrigou-se mais a cidade a mandar concertar os telhados da fortaleza, isemptando-se de pagar 10\$000 rs. ao capitão e aos soldados. Ora, como o povo se torcesse de pagar os 3 reis em raza de sal, encostando-se ao sofisma de não haver provisão de tal medida, foi mister, em 1601, decorridos já trinta annos de contendas entre o governo e o senado, que o rei intruzo rubricasse um alvará em que manda pagar sem excepção de pessoa. (3)

A camara, já forçada pela pressão dos castelhanos, obtemperou a todas as leis conducentes á morosa edificação do Castello, como se infere do documento que autorisa o governador a gisar as obras e a camara a pagal-as. (4)

Sem embargo, o Porto sempre em rebellião com os cobradores do imposto, passou pelo dissabor de soffrer um embargo na renda das Alças, por ordem do governador das justiças e armas. (5)

Não cuide alguém que estas Alças são os suspenorios. Havia n'aquelle tempo duas coisas diversas com aquelle nome. *Alça* era o que hoje disemos *recurso, appellação e aggravado*. *Alçava-se* a pessoa que appellava. Mas é outra a interpretação que devemos dar ás *alças* sobre cujos rendimentos o governador fez embargo. Viterbo define-as assim no *Elucidario*: «Gastos contingentes e incertos, mas que são indispensaveis, perdas, danos que ordinariamente se experimentam.»

Mas como combinar *perdas* que tinham *rendimentos*? Não ha governo por mais lido e sabido nos methodos de desbalizar os contribuintes que podesse hoje em dia auferir *rendimentos de perdas*. Que eu saiba, semelhantes alças não andam falladas na moderna sciencia de administrar. Se o seculo XVI não fazia milagres d'este cunho «financieiro», é preciso entender por outra maneira o que eram *alças*.

Os modernos lexicografos dizem que *alça*, alem de significar muitas cousas, desde o canhão da bota até á aza dos saquiteis das balas em terminologia dos artilheiros, pode tambem significar «o dinheiro que se dá a mais do que é devido» ou «a fiança de seguro». Hade ser uma d'estas, se o leitor não quizer que sejam as outras. A meu juizo, o dinheiro depositado em caução de contractos com a camara era posto a juro, e sobre este juro é

(1) Livro 1.º das Chapas, fl. 145.

(2) Idem, fl. 148.

(3) Idem, fl. 253.

(4) Livro 2.º das Chapas, fl. 46 v.º

(5) Lv, 2.º das Chapas fl. 125.

que o governador da justiça e armas cahiu com uma inergia digna da inveja dos modernos ministros da fazenda. (1)

Todavia, a cidade para se furtar ao pagamento, estava sempre levantando duvidas. A fl. 150 v. do *Livro 2.º das Chapas* vê-se que a camara duvidava pagar aos soldados com dinheiro do cofre das sete chaves que estava em S. Francisco. Logo adiante, a pag. 154, é obrigada a cidade a pagar; porém, como os soldados se atiravam ao pagador e lhe tiravam violentamente o dinheiro, o governo mandava devassar dos salteadores, corroborando, não obstante a continuação do tributo. (2)

Com referencia á administração do Castello da Foz pode o leitor curioso examinar os seguintes documentos, que lhe indicamos no precioso archivo da C. Municipal. Esta noticia talvez não seja enfadosa para alguém que folga de esgaravatar velharias.

Estes são os unicos apontamentos de achegas elementares para a historia d'aquelle Castello:

*Em que sua magestade manda ao juiz do cofre da cidade e officiaes da camara paguem ao alferes Manoel Pereira Neves Manhós e a seu filho Simão Pereira Manhós o soldo que a cada um toca por servirem no Castello da Foz. L.º 2.º p. 170.*

*Que aos soldados de S. João da Foz se faça pagar dentro do mesmo Castello, fl. 172.*

*Em que se manda tomar conta do dinheiro das fortificações, fl. 175 v.º*

*Para se concertarem as armas do Castello e se acabarem as obras, fl. 177.*

*Que se não continue na fortificação da cidade, e o dinheiro applicado para ella se dispenda em fortificar os portos de mar, fl. 183.*

*Que se pague aos soldados do Castello da Foz da consumação das Alças, fl. 185.*

*Das rendas applicadas á fortificação da cidade se mandaram levar em conta as despesas que se fizeram nas ecequias da rainha, fl. 186.*

*Para o dinheiro que estava applicado para a cidadella se despenda na fortificação de S. João da Foz, fl. 187. (3)*

*Para Jorge da França tomar contas das pessoas por cuja mão correu o pagamento da fortaleza de S. João da Foz, e se lhe darem os livros necessarios, fl. 214.*

*O traslado dos capitulos que deu Martins Gonçalves da Camara, tenente do Castello de S. João da Foz, contra os vereadores, e os que estes deram a S. Mag. contra elle e outros procedimentos. L. 2.º das sentenças.*

*Para se reduzirem os soldos de cada um dos soldados*

(1) A definição mais precisa de «Alças» é: as rendas das herdades, o rendimento de cada anno. Assim as explica um documento antigo do cart. da C. M.

(2) Fl. 166 v.º do L.º 2.º

(3) Esta cidadella fôra mandada construir em 1589; ignorase, porém, qual haja sido a localidade, e se foi principiada a fortaleza. Vej. o L.º 1.º das Chapas fl. 209 v.º E' porem quasi certo que não foi por diante a obra nem o intento, segundo se vê d'uma carta que se lê na fl. 213 da citado L.º 1.º

*do Castello de S. João da Foz a 50 reis e para se crearem 14 artilheiros mais. L.º 2.º das C. fl. 218.*

*Para se fazerem os reparos na artilheria fl. 228.*

O que não posso é noticiar as datas d'estes documentos; facil é todavia esclarecer-se quem quizer.

Direi agora do maximo impulso e acabamento que tiveram as obras do Castello, que só chegaram ao estado em que as vemos, no oitavo anno do reinado de D. João 4.º, volvidos setenta e oito annos sobre os alicerces.

Em 1647 ainda a egreja parochial de S. João da Foz convisinhava do Castello. D. João 4.º deu do seu bolcinho para a nova igreja seis mil cruzados, e os frades beneditinos de Santo Thyrsso, cujo era o couto da Foz, pagaram as restantes despezas. A egreja velha foi deruida salvante a capella mor que sobre esteve para o culto do presidio.

Entre papeis velhos que foram do cartorio de Ti-baens encontrei, relativo á demolição da egreja do Castello, a seguinte provisão que não corre impressa:

«D. João por graça de Deus, etc. Faço saber a vós corregedor do crime da Relação e casa do Porto que por quanto com ordem minha se derribou a egreja do lugar de S. João da Foz que servia de administrar os sacramentos e culto divino aos moradores d'aquelle lugar, que era annexa do mosteiro de Santo Thyrsso de Riba d'Ave da ordem de S. Bento para fortificação da fortaleza do dito lugar; e ficaram em seu ser as imagens, retabulos, caixões, sinos e o mais que havia na dita igreja ao tempo que foi derribada, que sou informado que tudo está guardado: vos mando que tanto que esta receberes façaes logo entregar ao abbade do dito mosteiro de Santo Thyrsso ou aos religiosos que tiverem ordem sua ou do D. Ab-bade geral para receber as ditas cousas, declarando-lhe que tratem logo de as cobrar com cominação de correr o risco e damno por sua conta, sobre a qual entrega e mais diligencia referida fareis fazer os autos necessarios, que enviareis com toda a brevidade á junta dos tres estados do Reino para me ser presente como n'isto se procede. El-Rei nosso Senhor o mandou pelos bispos eleitos do Porto e de Miranda ambos do seu conselho. Miguel d'Azevedo a fez em Lisboa aos 14 de fevereiro de 1648. Sebastião Cesar de Menezes, D. Pedro de Menezes.»

Se as imagens da velha egreja passaram á nova, como devemos conjecturar, veneranda antiguidade contam aquelles retabulos que não tiveram até agora, nem sei se a merecem, alguma consideração da arte. Bem pode ser que o tempo e o menos-preço hajam sido injustos com alguns nomes que ainda alcançassem o reinado dos ultimos monarchas da dynastia d'Aviz.

Ahi ficam bosquejadas umas notas subsidiarias para quem mais espaciadamente quizer historiar a formação do Castello da Foz.

No tocante ao seu governo interior deparam-se-nos ainda algumas noticias na *Corographia* do padre Carvalho, tom. 1.º pag. 360. Ha 160 annos que o livro foi escripto. N'aquelle tempo os quatro baluartes e o revelim eram ar-

tilhados com desoito peças, dose de bronze e seis de ferro. Além dos artilheiros que venciam a 80 reis por dia, presidiavam-na quarenta soldados, commandados por um alferes. Na casa dos condes de Penaguão estava, desde D. João IV, o governo da fortaleza, com treze mil reis de soldo mensal. Os navios estrangeiros pagavam ao governador dous cruzados de sahida e cinco tostões de entrada. Navios portuguezes o minimo que pagavam era dois mil reis. Os barcos de pescaria eram cizados no melhor peixe que trouxessem. As caravellas de sardinha pagavam um cento do seu pescado á entrada, e um tostão á sahida. Os hiates de sal e cal tributavam para o governador dois alqueires.

N'outro artigo coordenarei as notas que tiver ácerca da importancia guerreira e politica do Castello. A guerreira já de antemão posso assegurar que foi mediana. A politica não tanto assim, consideradas as agonias que gemeram nos calabouços d'aquella casa, onde eu, ha quatorze annos, as imaginei, durante as delicias d'um baile.

Os que ali padeceram nas masmorras e muitos dos que eu la vi bebendo a haustos de felicidade o nectar da vida, tudo resvalou no sorvedouro da eternidade...

Findei tristemente como comecei.

C. CASTELLO-BRANCO.



## REGINA

ROMANCE ORIGINAL

POR

GASTÃO VIDAL DE NEGREIROS

(Continuado do n.º 1.)

Voltemos no entanto ao nosso desconhecido.

Deixamol-o sobre um morrosinho, sobranceiro ao rio Douro. Agora, lá vai elle caminhando a passo, com os braços encruzados atraz das costas, na posição descuidada de quem se crê só, e não receia indiscretos.

Se eu imaginasse que tinha uma leitora, fazia-lhe já o retrato do meu heroe. Na quase certesa, porém, do contrario, se alguma apparecer, digo-lhe simplesmente, que refaça na sua imaginação o typo ideal do mancebo de tez pallida e olhos negros, bocca pequena e graciosa, sorriso meigo e triste.

Que coração de mulher de desoito annos não conhecerá este perfil? E' todavia certo que pintando-o assim pouco ou nada me affasto do original.

Caminhemos todavia em seu encalso, que já o vamos perdendo de vista.

Acaba de passar a ponte, e vai entrando na rua de S. João.

—Salvador! O Salvador! D'onde diabo vens tu a estas horas? — gritou d'uma janella á direita, uma voz fresca e juvenil. — Temos namoro de tricana, ou andas enfeitado por alguma das damas moiriscas de D. Gaia?

—Como te invejo a alegria! — respondeu o interro-

gado, já em frente e na direcção da caza. Depois, fez um gesto com os labios acompanhado por um movimento de cabeça, e quedou-se pensativo.

—Que patife! — exclamou zombeteando o da janella.

—Tu que vens de assistir ao levantar da aurora! que colheste o primeiro beijo da brisa! que vens ainda impregnado dos effluvis amorosos do astro radioso, invejas-me a mim, pobre mortal, o somno estúpido de sette horas seguidas, e a boa disposição com que me sinto para tragar duas costellets de vitella! E' inaudito! Vamos: — continuou — sobe, mortal rancoroso! Ver-me-has comer: o almoço sei eu que não vens cobiçar-me.

—Quem sabe? — redarguiu o outro procurando sorrir. E sem esperar, galgou as escadas, e foi apertar a mão do amigo de muitos annos.

—Agora serio! — disse Raphael, esbelto rapaz de cabellos e bigode louro. — D'onde vens?

—De defrontar-me com a attração do abismo; de contemplar o Douro; de pedir áquella torrente límpida, o segredo de represar a furia ingenita que lhe lavra nas entranhas. Que vida a minha, Raphael!...

—Ai! como estás pateta, meu pobre Salvador! — bradou Raphael olhando-o compadecido. — Que palavroes tu tens! Defrontar abismos! represar furias! Valhate Deus, homem. Se assim continuas, dás com os ossos n'um colete de força...

—Adeus: vou-me embora — interrompeu bruscamente Salvador. — Os teus gracejos magoam-me. Outro qualquer, offendia-me.... A ti, perdoo-te, Raphael, conheço-te bem; e comprehendo a intenção. Enganas-te, porem, meu amigo. Estás em erro, se crês capaz de alivio ou distracção, a dôr que esmaga o peito... este fogo que me escalda o cerebro vazio da esperanza! Poderias tu, homem feliz, avaliar bem o que eu sinto n'estas horas horrosas, em que o demonio do suicidio me arrasta pelos cabellos, mostrando-me o futuro á côr sinistra do desespero lento e inexgotavel? Não, não me digas que sim. Tu és amado. Tu não sabes o que é um homem converter n'uma mulher todas as adorações e amores do ceu, abraza-la com o calor de seu seio, tremer ao leve contacto de seus vestidos, e vel-a sempre invulneravel, sempre tranquilla, e com a face serena da indifferença! Não viste ainda hontem, como ella estava radiosa quando eu a contemplava com os olhos humidos de pranto?! Não sabes, que tentando exprimir-lhe o que sentia, emmudeci gelado de espanto, ouvindo-a dizer com admiravel candura ou refalsada innocencia: «Não me diga coizas que não entendo.» Meu Deus, que lhe diria eu então, Raphael? Que rugidos de paixão, ou que sandices sahem de meus labios a seu lado?

Sentado em frente d'elle, Raphael escutava-o em silencio.

—Que mulher! Que formoso envolvero d'um coração de marmore! — continuou Salvador suspirando.

—Estás bem certo d'isso? — perguntou Raphael.

—Se estou?! — exclamou o amigo.

—Pois não és rasoavel: acredita-me. — Volveu o ou-

tro.—Regina é uma creança. Deves convencer-te primeiro d'esta verdade. Aos quinze annos, sentiste como hoje? Quanto mais as mulheres, meu Salvador! N'essa idade, o amor é uma idealidade tão pura; um sonhar tão doce; uma aspiração ás vezes tão indefinida! Que sabes tu d'isso? Crê-me. Não ha ponto fixo n'aquella exigencia de coração, toda extasis e mysterio. Felizes aquellas a quem é mais tardio o alvorecer das paixões. A vez de Regina ainda não chegou; convence-te d'isto: ha-de amar-te.

--Que dizes?! a mim?—perguntou Salvador alvoroçado.

—Sim, a ti. Por que não? Eu creio na intuição, ou no não sei que de attrahente no verdadeiro affecto. Deixa-a fazer mulher, não amedrontes a creança com esses transportes de leão ferido.

—Creança! Qual creança!—bradou Salvador.—Aquelles olhos cheios de vida! Aquellas formas tão desenvolvidas e d'uma morbidez adoravel não estão accuzando a mulher perfeita?! Que formosura! que graça! que encantos, Raphael!

E o mancebo como concentrando-se na visão luminosa que lhe desvairava o espirito, callou-se de chofre poizando os cotovelos sobre a meza a que estava encostado, mergulhando uns dedos afilados e com unhas rozadas como d'uma dama, nos fartos cabellos.

Passados alguns instantes, Raphael interrompeu o seu passeio no quarto. Aproximou-se do amigo; tocou-lhe no hombro. Salvador levantou a cabeça, fitou-o, e disse raiando-lhe nos olhos um subito clarão.

—Se eu pudesse esperar.

—Louco! o que tu deves é repellar a duvida—respondeu o compadecido moço.—Tambem eu deseri de mim e da minha boa estrella, tambem assim como tu senti o inferno da desesperança, até que um dia a mão de Eugenia tremeu na minha, e aquelles olhos que só tem rivaes nos da irmã me fizeram a confissão espontanea do amor mais puro e extremo. Que anjo, Salvador! Que arrebatadora meiguice!

—E' certo—redarguiu o outro.—Porem, se a confrontares com Regina... Ouve—proseguiu depois de curta pausa.—Nem idealmente, nem pintando-a como artista, sonhei ou entrevi jamais tão esplendida creação!

—Ninguem te contesta o dom maravilhoso da sua formosura—retorquiu Raphael sorrindo, deves todavia acerescentar, filho, que é a primeira mulher que tu amaste!

Entendes?

—Sim—balbuciou elle—primeira e ultima. E' a esposa predestinada da minha alma.

(Continúa.)



## ECHOS DO PORTO

Resurge a meus tristes olhos, terra da minha infan-

cia! Revoquem-te do esquecimento as saudades de minha alma, meu Porto querido! Aleventa-te outra vez perante a chorada evocação do meu espirito, qual te conheci menino, ó cidade da Virgem, nos tempos aureos do *Periodico dos Pobres*, do botequim do Guichard e do pasteleiro da rua de Santo Antonio!

Não são decorridos ainda muitos annos e medeia já um abysmo entre esse tempo e o tempo d'hoje. E' outra a geração, outra a sociedade, outra tambem a lingua, e tão differente que nos não entenderiamos se fallassemos hoje a nossos filhos a linguagem que ouviamos então a nossos paes. A um copo de vinho do Porto chamava-se *uma pinga do chôco*, a um concerto *uma musicata*; era *Zé Pereira* um bombo; de um baile dizia-se *uma sueia*, e um passeio pelo rio acima era *uma franciscanada*. . .

Deus perdêe quem assim legislou pela prozodia que só os Franciscos é que haviam de passear no Douro!

A *toilette* de uma senhora em dias de semana estava completa com as seguintes peças: uma saia preta para vestir por cima do vestido de trazer em caza; um chaile atravessado no peito e pregado com um broche da cor e da forma de um ovo frito; uma mantilha de lapim, umas luvas de meio dedo e um lençinho de tres pontas destinado, para que se não engordorasse a côca da mantilha, a embrulhar o *chignon*. . . Tambem era outro o nome d'isso. Ao rolo das tranças sujeito sobre a nuca por um atilho e um pente de pechisbeque chamava-se-lhe na minha terra um *pueho*.

Os homens vestiam do mesmo modo no verão ou no inverno, em passeio ou em visita: calças de casimira preta, collete de setim preto, casaco de panno asulado, e lenço de seda preta no pescoço, embrulhando o lenço um espartilho de barbas de baleia. No inverno botava-se por cima d'isto uma capa bandada de veludo preto e ornada de uns longos cordões com borlas de retroz.

Para actos de cerimonia estezilhavam-se as calças com umas puchadeiras que se prendiam por baixo das botas, e mettia-se uma encospia de mais dois dedos d'altura dentro do lenço do pescoço.

As salas de receber visitas eram todas adereçadas pelo mesmo padrão, sendo de gente de bem.

Duas duzias de cadeiras compradas na Policia, um canapé, juncto do qual duas cadeiras de braços segurando as pontas de um pequeno tapete, que tem no centro a figura de um bicho; duas mesas de pé de gallo com dois castiçais de prata em cima, e sua espevitadeira com barquinha ao meio; capachos de esparto ás janellas e á porta; os retratos do dono e da dona da casa, pintados pelo snr. Fonseca ou João Baptista Ribeiro, e representando-o a elle de casaca e a ella *em corpo*—outra fraze d'esse tempo que queria dizer: sem mantilha.

As pessoas que protegiam as artes e amavam a pintura possuíam ainda, suspenso por cordões vermelhos de um vistoso prego de metal amarelo, um quadro representando em lithographia o retrato da senhora D. Maria II, fronteiro a outro quadro parodiando duas rozas bordadas a matiz pela menina da casa, e tendo em gran-

des letras d'ouro em redor da imagem o seguinte distico:  
*Ermelinda dos Anjos Pereira — me fezit.*

A's noites, havendo visitas em casa, celebrava-se na sala das visitas a solemne e magestosa cerimonia de tomar uma chavena de chá.

Os tramites eram estes: primeiro desapareciam da presença dos circunstantes o dono e a dona da casa, e ouvia-se por algum tempo o rebolir da festa, que se estava urdindo no andar de cima, da cosinha para a sala de jantar e da sala de jantar para a cosinha. Em seguida voltavam para a sala os amphitrições, cujo sobresalto, inseparavel sempre da approximação dos grandes lances da existencia, os não deixava conversar nem dar attenção a ninguem, em quanto pela porta dentro não assomasse a procição d'antemão planeada, e distribuida assim:

Na frente a cosinheira, de lenço lavado na cabeça e as melenas da trunfa besuntadas na frente com um luxo de gordo bastant para convencer a gente de fóra de que ali se não olhava a temperos para pôr um servo decente. Esta primeira figura traz a bandeja com as chavenas da xaropada insipida, que os donos da casa modestamente designam com o nome de *pinga d'agua morna*.

Segue-se o menino, trajado com a roupa nova e revestido da dignidade de um anjo em procição d'aldeia, trazendo em salva de prata os instrumentos da gula offercidos assim ao vicio pelas mãos da innocencia, a saber um assuacareiro e uma leiteira cheios até as bordas.

Fecha o prestito a creada de sala ou, na falta d'esta, o proprio dono da casa, segurando o taboleiro das ignurias destinadas a deixar estragados de mimo para muito tempo os felizes gorgomilos de quem lhes tomar o gosto. Esta delicada exposição culinaria acha-se artificialmente armada em quatro pratos dispostos em volta de um ponderoso paliteiro de prata figurando um ananaz ou um cão d'agoa monstruosamente ouriçado com trezentos palitos. Nos pratos estão distribuidos por ordem: as fatias de pão com manteiga, os biscoitos d'argola, boeadinhos de marmelada e rosquinhas do botequim das Hortas ou cajadas das freiras de S. Bento.

Coroava-se a noite com uma partida de bisca-suecca, quando eram perdidas em pouca gente as ostentações do chá, ou com o jogo do *quino* quando era mais numerosa a assistencia.

O jogo do quino, não tanto pela essencia do divertimento como pelas pillherias que lhe intermettiam alguns individuos jocosos, tornava-se uma brincadeira de fazer rebentar com riso os botões dos collarins aos homens, e os atacadores dos espartilhos ás mães de familia. Imaginem-me, por exemplo um sujeitinho que tem sempre uma chalaça para cada numero do lote que vae tirando do sacco:

—Um—conta de porco! *Dois*—vacas não são bois!  
*Trez*—conta que Deus fez! *Noventa*—nas ventas!

E outras que taes como estas, que quem não estivesse prevenido estourava de riso. Os que já as tinham ouvido trezentas ou seiscentas vezes, o que succedia a todos, satisfazião-se ordinariamente em virar as pernas por

cima da cabeça enrolados de cambalhota com as gargalhadas que davam. As senhoras idosas chegavam a crer que o homem precisava de ter o mafarrico em si para se sahir com uma graça d'aquelle feitio, e atiravam-lhe então com mancheias de tremoços de marcar o jogo, dizendo-lhe nos lapsos mediantes entre as esfusiadas do riso:

—Tarrenego, coisa brava, sume-te gafanhoto!

Quem é que não conheceu n'estas classicas reuniões da antiga sociedade portuense uma d'essas familias privilegiadas por uma educação que fascinava tudo, como eram, *verbi gratia*, as manas Bezerras, a primeira das quaes tocava piano, a do meio que tocava guitarra, e a mais nova que cantava modinhas?

Eram feias como o peccado, e nunca houve maridos que as quizessem apezar das artes de recreio com que as opulentara a solicitude paterna, — o que não obstava a que fossem requeridas para todas as *sucias*, porque, onde ellas apparecessem ninguem tinha outro trabalho alem do de tomar o chá: ellas só se encarregavam de encher a noite exhibindo as suas prendas, em quanto as demais pessoas se encommendavam recolhidamente a Deus, ou dormiam a somno solto, á excepção do heroico pae, que ficava d'atalaia á ilharga da executante para dar o signal dos applausos no fim de cada peça!

Terminavam ordinariamente estas innocentes festas pela seguinte fraze, atirada da porta da sala á multidão amarroada, como um signal de refugio:

—Está lá embaixo o creado das senhoras Bezerras com o sacco dos chales e o lampeão!

N'essa epoca porem uma companhia dramatica, de que fazia parte a snr.<sup>a</sup> Emilia das Neves e de que era ensaiador Emilio Doux, representava no theatro de Camões, na rua de Liceiras; Laribeau dirigia uma companhia equestre no Circo da rua de Santo Antonio; Rossi Cacia, Rocca e Montemerli cantavam no theatro de S. João.

Uma mocidade cheia da mais vehemente seiva, a qual não deixou depois de si nem descendentes nem herdeiros, sacudia as ruinas da sociedade velha rebentando os cavallos em que montava e atirando pelas janellas fora a porcelana em que comia da meia noute por diante.

Alguns litteratos de veia alegre e sarcastica implantavam brillantemente no café Guichard o folhetim fallado.

A viscondessa de Beire levava aos salões em que apparecia o exemplo de uma fidalguia de porte, cujo requinte morreu com ella.

A viscondessa de Samodães, sustentava a parte politica de um jornal com um vigor de stylo de que se honraria o polemista mais rijo, e a senhora D. Maria Felicidade de Couto Browne, auctora de formosissimos versos, presidia com a maior superioridade de espirito e a mais perfeita distincção de maneiras ao unico salão litterario que houve no Porto.

Duas senhoras como estas bastam para modificar ou

transformar a physionomia de uma cidade, assim como é sufficiente uma mulher de genio para dar feição e relevo a um seculo. Morreram ambas essas a que nos referimos, e deixaram até hoje devoluto o logar occupado por ellas na sociedade que teve a fortuna de as conhecer.

Se ainda agora houvesse ali um poeta que tivesse o descoco de nascer n'estes annos de prosa, onde é que elle iria ouvir as palavras d'animo tão necessarias ás vocações timidas? Onde encontraria visíveis os sorrisos e as lagrimas por onde sopesasse o quilate da inspiração? Onde acharia a mão fina e aristocratica em que pudesse pousar a sua como recompensa da applicação e do trabalho que o levantara acima da plebe?—Porque é de notar que os poetas são, a par das mulheres elegantes, de cuja indole participam, a gente mais fidalga e a mais delicada que se conhece.

Os talentos—não fallo dos que se occupam em fazer eleições, grizetas de lamparinas, politica, vassouras de piassá e outras coisas assim, mas dos que se consagram exclusivamente ao cultivo do bello—depuram-se e aprimoram-se na delicada convivencia de mulheres de espirito e não no macadam da Praça Nova razoizado pelos tamancos dos labregos em dias de feira, ou ás mezas dos cafés portuenses, onde os criados andam de chichelos e cigarro atraz da orelha.

As damas mais aristocraticas da cõrte de D. Sebastião tiveram a honra de estremeecer por mais de uma vez ao contacto das veias azuladas das suas mãos no aspero bigode de Luiz de Camões; Boccage, menos senhoril que elle, frequentou as grades dos mosteiros onde se recolhiam as donzellas da melhor sociedade do seu tempo; Byron entrava nas primeiras salas de Londres; Lamartine criou-se no salão de M.<sup>mo</sup> Gay; Alfred de Musset no de M.<sup>mo</sup> de Girardin; Garrett no da Marquessa de Abrantes, em Paris.

As senhoras que hoje poderiam dirigir o movimento do espirito nas boas letras e nas boas artes, dando a moda á intelligencia, o que é um tanto mais lisongeiro do que dar a moda aos vestidos, persistem em ficar obscuras.

No logar em que existiu o alegre e ruidoso café do Guichard, onde se reuniam, entre a mocidade d'esse tempo, Evaristo Basto, Antonio Girão, Camillo Castello-Branco, Arnaldo Gama, Coelho Lousada, Amorim Viana, Delfim Maia, e inumeros outros, uns já mortos, outros retirados a outro genero de existencia, onde conservam ainda na intimidade dos escolhidos a tradição gloriosa dos ultimos rapazes que conversaram no Porto;—no logar do Guichard, seu quartel d'inverno, diziamos nós, existe hoje o estanco de Xabregas, onde a mocidade portuense se narcotisa por cinco tostões por dia, não se lembrando que só um grande trabalho intellectual justifica o uso do tabaco, e que uma geração de fumistas pode facilmente transformar-se n'uma geração de brutos, se a cada charuto com que se adormenta a intelligencia não corresponder pelo menos uma hora de trabalho em que ella se desperte e avivente.

O theatro de S. João, onde tão vividamente se confirmaram tantos triumphos e onde se feriram pateadas, tão monumentosas que, por esse lado ao menos, nos tornaram conhecidos na Italia, está deserto, escuro e fechado como loja de ferro velho em dia santo de guarda.

O circo da rua de Santo Antonio é apenas um visinho da Viella da Neta.

O theatro de Camões é um armazem de madeiro.

A companhia de zarzuela que representava no theatro Baquet envergonhou-se d'isto e emigrou para Braga. É talvez a primeira vez que em pontos de civilização o Bom Jesus do Monte mette debaixo dos pés a Serra do Pilar, e a rua de S. João da Ponte triumphou da rua Chã!

Foi ao chegarmos a este tristissimo estado que da pederneira batida pelo desespero fusilou alfin um relampago que alumiou por um momento os tres bairros da cidade invicta. Uma mulher chamada Malapan (é talvez a primeira vez que o nome da heroína apparece em letra de imprensa) apiedada da nossa lastima, veio ao Palacio de Cristal representar o papel de *D. Ipez de Castro*, hombreando assim em denodo com o cidadão (que por nome não perca) o qual já lá estava representando o *Pedro Cem*.

Se é ao funeral da civilização que nós estamos assistindo, apaguem então o gaz e saia outra vez á rua o lanternario das duas velas de cebo, e appareçam pelo menos os gatos pingados para levar o morto. Se é por falta de balandraus que não sae o prestito, os de Braga, que estão agora no theatro, que mandem para cá os capotes, e albarde-se em termos a funcção.

Eu vejo aqui das minhas janellas fumar a locomotiva na estação do caminho de ferro de Villa Nova de Gaya, escuto o silvo da arquejante mensageira do progresso, e sabem no que penso? no carroção! no ronceiro carrão puxado por bois de Ramalde, o qual desapareceu da escuridão das noites portuenses atulhado de formusuras em trajas de baile!

E eu que tantas vezes amaldiçoei nos meus primeiros folhetins aquelle honrado vehiculo de nossos paes, e mais quem d'elle vivia e quem com elle medrava! Perdão, Manel Ze d'Oliveira! A juvenildade e a inexperiencia de meus annos me desculpa da desconsideração que te votei e do descaço que de ti fiz. Porque te não deste logo a conhecer, Oliveira! Porque me não ensinaste com um dos teus fueiros que eras tu, ó Manel Ze, o Caronte da civilização portuense!

RAMALHO ORTIGÃO.

## MODAS

### DESCRIPÇÃO DE TRAJES

*Troje de baile para senhora nova.* Vestido de seda branca inteiramente coberto de um segundo vestido de crepe e guarnecido de uma segunda saia do mesmo crepe. A saia inferior é guarnecida na extremidade de um tufo pregado entre duas fitas de setim azul; por

baixo do tufo um folho de rendas pregado sem roda na fazenda do vestido. A segunda saia é guarnecida de uma fita azul e de um folho de rendas semilhanças á da primeira saia mas mais estreitas. Corpo recortado e guarnecido de uma bertha aos tufos trespassada como um capotillo. Cinto azul. Do lado esquerdo do cinto ha uma fita de setim egualmente azul, que cae sobre a saia para o lado opposto e a suspende um pouco por meio de um ramo de rosas. Mangas curtas em tufos. Nos cabellos um cordão de rosas — chamamos-lhe *cordão* para differenciar esta guarnição, que se colloca sobre a cabeça da grinalda, que se traz pendente. No collo dando tres ou quatro voltas, uma corrente de ouro guarnecida a espaços de pinturas de pedras azues.

*Segunda toilette.* O vestido de baixo é de seda branca guarnecido de uma barra de setim amarello disposta sobre a saia em recortes bicudos guarnecidos de renda preta, havendo no espaço de cada recorte um tope de renda preta. Tunica de setim amarello, cujos panos são separados, sobrepostos uns aos outros e guarnecidos de uma estreita renda preta. Corpo decotado, da forma chamada *de coração*, sobre uma camisinha branca. Mangas curtas. Grande mantilha hispanhola de rendas pretas ornada de rosetas encarnadas.



## PALESTRAS LITTERARIAS

### II

#### Do romance.

Raras são as pessoas que podem dar-se ao estudo com a perseverança, attenção e diuturnidade necessarias para se adquirir um cabedal de conhecimentos, embora modesto, em qualquer ramo das sciencias ou da litteratura; alguns, não obstante conhecerem quanto é util e bom ser instruido, não querem sujeitar-se, por mandriice, á fadiga de aprender; outros, e são estes o maior numero, obriga-os a sua condicção social a occuparem-se de trabalhos differentes.

Aos primeiros mortifica-os muitissimas vezes um mal-estar, uma febre lenta, filha da ociosidade, chamada o tedio; sensação penosa de que elles bem folgariam poder libertar-se, enganando tantas horas vãs que se lhes arrastam pesadas e vagarossimas: aos outros sempre sobejam algumas horas cada dia, ou pelo menos algum dia cada semana, para descansarem das occupações ordinarias, e em que procuram uma diversão que os desentade ou entretenha.

Nada tanto ao proprio para os desejos de todos, nem mais aprasivel, do que uma leitura amena que não exija grande contensão de espirito, mas só o bastante para ligar sentido ás palavras, nem outro peculio de conhecimentos elementares alem dos adquiridos na instrucção

primaria, e que ao mesmo tempo vá prendendo sem esforço a attenção, por meio da curiosidade.

A todas estas condições satisfaz o romance, e n'isso, tanto como na variedade dos quadros que offerece consiste o segredo da sua popularidade e o ser bem quisto das pessoas illustradas, e das que nem sequer possuem rudimentos d'alguma sciencia.

Um escriptor contemporaneo homem de letras e philosopho de grande talento escreveu n'um dos seus livros mais notaveis: «O romance é ao mesmo tempo drama e narração, dialogo e descripção, realidade e poesia, retrato e paisagem.... Adaptando-se á linguagem douta não regeita a expressão singela; dirige-se á imaginação e não exclue a profundeza; falla igualmente ao ignorante e ao sabio, aos velhos e ás mulheres; subministra leitura a ametade do genero humano e encaminha á reflexão por meio do sentimento.» (\*)

Esta mesma idea repete um critico moderno pelas seguintes palavras: «Dirigi-se o romance a todas as classes da sociedade; presta-se com tanta facilidade á pintura dos costumes como á analyse das paixões; e pode até, sabendo conter-se nos seus justos limites, tractar sem desvantagem as grandes questões sociaes. Verdaderamente não ha uma idea só que deixe de ter cabimento no romance, que por singular privilegio pode ostentar-se lyrico, philosophico ou epico, conforme se destine á pintura das paixões, á analyse do pensamento ou a compor um quadro de successos que interessem uma nação inteira.» (\*\*)

Eis ahí desenhada, por mãos de mestres, a indole d'este genero de litteratura, que podendo abranger tamanha vastidão d'assumptos, sob uma forma comprehensivel e agradavel, ha de necessariamente contribuir muitissimo para vulgarisar conhecimentos que sem esse meio continuariam a refugiar-se nas escolas e academias, embora ahí mais completos.

E com effeito deve-se ao romance o ter partido em pequeninos o pão da sciencia, o tel-o desfeito em licores aromaticos e saborosos, e com esse alimento mais digestivo, embora menos substancial, ter nutrido muitos espiritos que não poderiam suportar alimentação mais forte.

Nos livros de philosophia é escabroso o estudo da sensibilidade interna; alem da grande robustez de intelligencia para acompanhar o philosopho nas suas abstracções methaphisicas, e atinar com a verdade no meio de tantos systemas contradictorios, é mister possuir um certo cabedal de ideas especiaes a fim de comprehender a thecnologia da sciencia: para superar estas difficuldades requer no espirito isento d'outros cuidados, trabalho assiduo e forças d'animo para não parar em meio de caminho, vencido pelo tedio. No romance que mais particu-

(\*) Pelletan—Profession de foi & 4.<sup>a</sup> p. 31 4. edic. pag. 383.

(\*\*) Gustave Planché—Portraits litteraires—VIII 3.<sup>a</sup> edic. pag. 231.

larmente se dedica á analyse do coração a paixão toma corpo e um nome; falla, discute, move-se; e o leitor que não teria comprehendido meia palavra d'uma dissertação scientifica vê n'aquella personagem o modo de existir, a natureza, a origem e effeitos da paixão, ou affecto, que ella representa.

A todos os membros da sociedade importa conhecer os defeitos da organização d'ella, e as mudanças que conviria fazerem-se-lhe para a melhorar: encontram-se taes assumptos desenvolvidos em tratados especiaes, mas ainda quando estes não sejam, como ha tantos, um conjunto de theorias nebulosas, altissimas e abstrusas, sempre a necessidade da analyse logica, concisa para ser vigorosa, inflexivel para ser convincente, imprime n'esses trabalhos um tal aspecto de severidade e uma tal sequidão de formas, que só poderá attrahir a si espiritos habituados á reflexão constante, e a escavarem sem descanso nas profundezas da sciencia. O romance social, escripto para o povo e para ser percebido das intelligencias mais debeis segue processo differente; não estabelece principios, apresenta factos; não tira consequencias, offerece exemplos; não deduz juizos, narra successos. Em vez de descrever com rigor scientifico o machinismo social, ponderar o valor das forças que o movem, determinar a direcção que seguem e theoreticamente demonstrar a vantagem de diminuir a energia d'estas, augmentar a d'aquellas, destruir umas e mudar a direcção das outras; em vez de tudo isto que é bom e util para os progressos da sciencia, e para o mais cabal conhecimento da constituição intima das sociedades, mas que é demasiadamente complicado para estar ao alcance de todos, em vez d'isso limita-se a mostrar esta e aquella peça que perturbam o regular andamento das outras, ou porque saltaram fóra do logar que lhes competia, ou porque occupam mais espaço do que deviam, ou porque finalmente são desnecessarios ao movimento geral e o retardam.

Dous proveitos, ambos grandes resultam d'este methodo: o primeiro espalhar por todas as capacidades e condições aquellas ideas; o segundo, e importantissimo, abrir mais depressa o caminho das reformas pois que uma instituição social, arreigada em habitos longamente adquiridos, e que de ordinario sustenta grandes interesses, não cahe abalada pela argumentação dos sabios, mas sim quando as vantagens da sua queda ou mudança calam no animo e convicção dos povos.

No romance de costumes desenham-se as feições da sociedade contemporanea, quer seja na esphera em que somos collocados, quer na que nos fica abaixo ou de cima. Usos, crenças, preconceitos, ideas, linguagem, tudo, finalmente, que possa contribuir para melhor retratar a phisionomia moral d'um povo, ou d'uma classe, tudo está sob o dominio d'esta forma da arte, que, não é das menos prestadias para a instrução.

Tractar com iguaes e ao mesmo tempo elevarmo-nos ou descermos a lidar de perto e familiarmente com pessoas de educação e habitos differentes, vale o mesmo que viajar; é anticipar os fructos da experiencia, multiplicar

as relações do espirito, engrandecer o circulo das ideas, não só pelo mais perfeito conhecimento que podemos adquirir da vida social, como pela facilidade com que nos despiremos de falsas ideas e ridiculos preconceitos vendos representados ao vivo em figuras de que nós mesmo escarnecemos, ou em scenas onde se traduzem em factos as consequencias do erro.

Outra vantagem d'estas novellas, e não somenas da que deixamos indicada é transmittirem á posteridade a vida intima d'uma geração ou d'um povo; circumstancia esta que a historia desprezou até certa epocha, mas a que está dando actualmente grande valor. Cansam-se hoje os eruditos e philosophos a procurar nas comedias dos Aristophanes e Terencios vestigios dos costumes da Grecia e Roma antigas; os vindouros fazendo igual estudo com relação aos nossos dias hão de encontrar recursos incomparavelmente mais vastos e opulentos; e serão os romances de que estamos fallando que lhes hão de fornecer mais copia de noticias.

Em favor do romance historico nada poderemos fazer melhor do que entregar a sua deffesa a tão valiosa authoridade como é o notavel historiador Cesar Cantu. Na introdução á sua historia geral, numerando o sabio escriptor os recursos de que actualmente se pode tirar proveito para tornar a historia mais verdadeira, mais philosophica, melhor, em fim, do que o era n'outros tempos, serve-se d'estas palavras:

«O proprio romance tem utilidade, penetrando na vida intima, pondo a descoberto as particularidades desprezadas pela historia, ou pela ignorancia, e não pintando sómente os grandes personagens, mas tambem aquelle que é o primeiro actor no drama da humanidade, o povo.»

E poucas linhas adiante acrescenta:

«Ivanhoe traça-nos melhor as relações entre os saxonios vencidos e os normandos, do que nunca o fizeram as historias; os *Desposados* de *Manzoni* descobrem um mundo desprezado de soffrimentos, de virtudes e de vicios.»

Para que não fique de pé nenhuma accusação dos inimigos do romance, falta-nos analysar a influencia que elle exerce sobre os costumes e apreciar o seu valor como obra d'arte. Dispostemos esse trabalho para o artigo seguinte.

DELFIN D'ALMEIDA.

#### ERRATA:

Nas «Sabichonass», pag. 8, col. 2.ª ao fim:  
Não me oponho. A' plebe outorga plena dou  
Leia-se:  
Não me oponho. A' plebe outorga plena dou.

#### EXPEDIENTE

Recebem-se assignaturas para este periodico, no Porto no escriptorio da administração, rua do Almada n.º 171, em Lisboa na livraria do sr. Campos Junior, em Coimbra na do sr. J. Augusto Oreel, em Braga na do sr. Germano Joaquim Barreto, em Lamego na do sr. Francisco Marques da Rocha e em Aveiro, em casa do sr. José Maria da Costa Azevedo.—Para todas as mais terras onde não temos correspondente, remetter-se-ha franco de porte, a quem enviar 1\$520 em estampilhas, importe de um semestre.